
RESENHA

O LAVRADOR E POSSEIRO DA CIÊNCIA

Uma publicação sobre as complexas relações entre informação,
conhecimento e desenvolvimento no Brasil atual

*Gutemberg Armando Diniz Guerra*¹

Construir uma obra coerente e sólida exige perseverança e competência. Essas duas qualidades não se praticam sem dedicação e entrega. Na busca do conhecimento, a vontade não basta. A dedicação obedece a critérios metodológicos que qualificam o produto do trabalho, evitando vieses do engajamento ideológico sempre presente, mas supostamente controlado, ou dosado, pela vigilância e o espírito científico. O esforço para entender o processo de marginalização, construção e persistência de categorias sociais como o campesinato na Amazônia, particularmente no Estado do Pará, é a tônica que se identifica com clareza em toda a obra do professor Jean Hébette. Essa escolha, em si mesma, denuncia seu compromisso e sua concepção de mundo. A dialética fundamenta e ilumina sua práxis e norteia sua elaboração e exposição teórica. Trabalhando e convivendo com categorias sociais empobrecidas e marginalizadas no campo e na cidade, interagindo com elas, sua produção científica amadurece ao longo dos anos de reflexão escrita e debatida nos diversos fóruns possíveis e comuns à prática acadêmica. Adquiriu legitimidade e serve de parâmetro tanto para intelectuais comprometidos com o ensino e a pesquisa quanto para profissionais engajados na ação em organismos governamentais e na sociedade civil. A prova disso está na enorme quantidade de vezes em que aparece citado, nacional e internacionalmente, em trabalhos acadêmicos e pela frequência com que participa de eventos de natureza diversa, na qualidade de convidado, como conferencista, debatedor, mediador, orientador e membro de bancas examinadoras de teses de doutorado, dissertações de mestrado e de comitês científicos.

¹ Engenheiro-agrônomo, Doutor em Socioeconomia do Desenvolvimento, professor-adjunto do Centro de Ciências Agrárias da Universidade Federal do Pará – UFPA/CCA, Rua Augusto Correa, s/n - Campus Universitário do Guamá, CEP: 66000-000 Belém, PA. gguerra@ufpa.br

Cruzando a fronteira: 30 anos de estudo do campesinato na Amazônia reúne os textos do professor e pesquisador Jean Hébette em quatro volumes, publicados pela Editora da Universidade Federal do Pará, permitindo uma visão geral do esforço de compreensão da região durante três décadas.

Uma das características do reconhecimento acadêmico e científico desse pesquisador é que ele se dá a partir de Belém, da Universidade Federal do Pará, do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, do qual participa formal e ativamente durante 18 anos (1974-1992), e do Centro Agroambiental do Tocantins (CAT), que se torna uma referência desde a sua criação em 1988. Ao mesmo tempo em que ele se apoia na instituição universitária, dá a ela uma projeção nacional e internacional nas áreas em que produz, destacando-se a Sociologia e a Economia. Feita a conta dos seus escritos publicados até 1998, 40% de seus trabalhos têm referência na capital paraense, 36% em diversas cidades do País, e 24% no exterior, notando-se uma evolução que vai do sentido local para o internacional. O fato de publicar em Belém do Pará não se constitui em impeditivo de fazer circular seus escritos, demonstrando-se a ressonância de que é capaz a capital paraense. A presença de 23% de seus trabalhos em congressos é indicadora do intercâmbio e do nível de exposição a que submete sua produção acadêmica. Torna-se universal a partir desse local e da instituição onde se insere e a qual representa. A citação é uma credencial para quem cita, um registro da importância do tema tratado e o reconhecimento de seus pares do campo científico. Citá-lo é demonstração de conhecimento dos autores que balizam os estudos da questão agrária na região Amazônica e do refinamento conceitual que vem sendo feito das categorias de análise. Trata-se do estabelecimento de uma conversa com os que refletem acerca do processo de ocupação da Amazônia. Jean Hébette descreve e analisa com acuidade muitos dos movimentos da dinâmica de ocupação e transformações na fronteira, onde se fazem presentes atores sociais os mais diversos, com ênfase dada aos camponeses.

Sua credibilidade vem enraizada no texto rico em informações construídas no cotejo detalhado entre os dados oficiais e os obtidos em longas pesquisas de campo, incluindo questionários, entrevistas, conversas e anotações. Alia-se a esses procedimentos uma presença constante junto aos camponeses organizados, ou em vias de organização, em sindicatos, associações, caixas agrícolas, grupos de trabalho ou outras formas, como a família, a comunidade, a localidade.

Para entender a sensibilidade e competência desse autor no tratamento dos assuntos que aborda, é fundamental conhecer os principais momentos de sua vasta biografia². Nascido na pequenina cidade de Winenne, na Bélgica, a 15 de fevereiro de 1925, filho de Victor Léon Hébette, funcionário da receita federal em seu país, e de Maria Joseph Rochette, criou-se entre quatro irmãos que viriam a exercer profissões diversas. Jean Hébette tornou-se religioso, da Ordem dos Oblatos de Maria Imaculada (OMI), em 1942. Ordenou-se sacerdote em 1949. Fez cursos superiores de Filosofia (1943-1945) e de Teologia (1945-1949) na *Scolasticat* OMI, em Velaines, na Bélgica. Concluiu licenciatura em Teologia, em 1954; e o Curso Superior de Pastoral Catequética, em 1955, no *Institut Catholique*, em Paris, França. Em nível de pós-graduação, frequentou o Curso de Doutorado em Teologia, do *Institut Catholique* de Paris, França, em 1954 e 1955, tendo concluído os créditos, sem defender tese. Pode comunicar-se em kikongo (língua do Zaire), em português, em inglês e em espanhol, além de sua língua materna, o francês. Visitou vários países como religioso, dentre os quais a França (onde adquiriu parte de sua formação acadêmica), Holanda, Alemanha, Itália, Inglaterra, Irlanda, Zaire (onde exerceu apostolado durante 3 anos), Burundi e Ruanda. Fez e mantém contatos com pesquisadores e instituições de pesquisa da Holanda, Inglaterra, França, Haiti, Guadalupe, Guiana Francesa, Colômbia e Alemanha.

Chegou ao Brasil em 1967, fez estágio em Petrópolis, no Rio de Janeiro, seguindo para Belém no mesmo ano. Ingressou no Curso de Bacharelado em Economia, na Universidade Federal do Pará, em Belém, em 1970, graduando-se em 1973. Nesse mesmo ano, fez o Curso de Especialização em Desenvolvimento Regional (Fipam/Naea/UFGPA), e iniciou um longo período de trabalhos acadêmicos realizados sobre o campesinato. Identificando-se profissionalmente como teólogo, economista e sociólogo, baseando-se no Decreto 89.531 de 5 de abril de 1984³, a partir do Programa do CAT, formalizado em 1988, Jean Hébette tem contatos regulares com a Inglaterra, Christian Aid e Overseas Development Agency (ODA); França, Comité Catholique contre la Faim et pour le Développement (CCFD), Groupe de Recherche et Echanges Technologiques (Gret), Ministério da Cooperação, Unesco, Centre de

² Entrevista a Gutemberg Guerra, em 27 de Março de 1997, Belém, Pará.

³ O Decreto nº 89.531, de 5 de abril de 1984 regulamenta a Lei nº 6.888/80, que dispõe sobre o exercício da profissão de sociólogo.

Coopération Internationale em Recherche Agronomique pour le Developpement (Cirad), Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS), Institut National de la Recherche Agronomique (Inra), Office de la Recherche Scientifique et Technique d'Outre-Mer (Orstom), École de Hautes Études em Sciences Sociales (EHESS); Holanda, Raboubnk Bank, Catholic aid Organizations Memisa, Mensen in Nood and Bilance (Cebemo); Bélgica, Boederlijk Delen - Partilha Fraternal, Caritas, Universidade de Louvain la Neuve, Prélude; Alemanha, Misereor e Comunidade Econômica Europeia (CEE); Estados Unidos da América, Fundação Ford e Fundação Interamericana; Canadá, Embaixada do Canadá, Centre de Recherche pour le Development International (CRDI), Instituto de Desenvolvimento); Itália, Movimento Leigos para a América Latina (MLAL). Exerceu diversas funções administrativas e acadêmicas no campo teológico pastoral e no campo das ciências sociais. A Universidade Federal do Pará (UFPA) será, ao longo de toda sua vida profissional no Brasil, a caudatária e referência maior, mas não a única, de sua produção, o que vem sendo traduzido pelas homenagens ao seu desempenho.

A rica trajetória calcada na diversidade dos lugares em que viveu, a qual o obrigou a processos de adaptação e de compreensão do outro, ao domínio das línguas clássicas e vernáculas, à prática religiosa engajada junto aos menos favorecidos social e economicamente, aliados à presença do estudo e da disciplina em toda a sua vida, dão ao autor uma têmpera que vai se refletir em seu texto, permeado de lógica e de sentimento. Sua produção acadêmica tem início em 1974, quando começa a escrever e publicar trabalhos em coautoria com intelectuais do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, refletindo sobre o novo papel destinado à região. *A Invenção da Amazônia*, de Armando Mendes, publicada em coautoria com Jean Hébette, Edna Castro e Roberto Ferreira, é um marco de sua carreira como intelectual e escritor de textos acadêmicos em português⁴. A parceria vem referendada na apresentação feita pelo reitor Clovis Cunha da Gama Malcher e na introdução pelo autor principal (Armando Dias Mendes), que exaltam a qualidade de melhores alunos do curso de especialização que acabavam de concluir. A Amazônia, nesse trabalho, é tratada como um enigma a ser decifrado em suas três faces: a de uma individualidade regional, a de uma função nacional e a de uma filosofia social. Demonstra

⁴ Anteriormente, no campo pastoral, exercitara em francês a arte da escrita, publicando conselhos e reflexões sobre a pedagogia religiosa dos diocesanos belgas.

a consciência dos autores sobre a necessidade de uma invenção a ser feita por atores sociais presentes nessa região. O homem da Amazônia surge como sujeito e não como objeto da intervenção governamental. Essa proposição de caráter filosófico permeia toda a literatura hebettiana e se expressa na obra de pesquisadores influenciados por sua produção científica. Indica uma posição que afronta o pensamento e a prática do governo ditatorial então em pleno vigor. O homem amazônico emerge como sujeito econômico, ecológico e com uma filosofia voltada para o caráter familiar dos seus empreendimentos.

No mesmo ano de 1974, publica, pela UFPA, como coordenador, *A Amazônia no Processo de Integração Nacional*. Esse é mais um trabalho que demonstra o grau do debate existente entre os intelectuais da Amazônia sobre as novas investidas políticas sobre a região. Retrata o engajamento dos intelectuais no esforço de reinventar uma Amazônia em que, entre os sujeitos dinâmicos desse novo quadro, estivesse o homem da região pensado em sua ajustada interação com os recursos naturais. A abordagem ensaística não dispensa o rigor metodológico, baseado na análise de dados disponíveis à época. Ambos refletem a preocupação com a construção de um arcabouço teórico que permita o trabalho de fôlego que vai ser construído a seguir. Ao tempo em que se anunciam e implantam as políticas públicas para a Amazônia, os intelectuais se mantêm críticos e atentos.

A fase seguinte (1976-1982) é centrada em trabalhos sobre os diversos aspectos da colonização oficial e induzida, e se caracteriza por sua parceria com Rosa Elisabeth Acevedo Marin em 11 títulos publicados nacional e internacionalmente. Dados quantitativos, construídos com amostragens representativas aliadas a informações complementares, obtidas em fontes como o IBGE, a Sucam e trabalhos de outros pesquisadores, dão substância à análise. Os limites de cada afirmação são oferecidos pelos próprios autores, evitando ao leitor as armadilhas a que sua exposição pudesse levar.

Saúde e Colonização, feito por encomenda e apresentado em 1976 ao XII Congresso da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical e 1º Congresso da Sociedade Brasileira de Parasitologia, retrata o escrúpulo no esclarecimento dos limites de compreensão dos autores, “leigos em assuntos de medicina”, mas atentos, como demonstram, aos efeitos do modelo econômico sobre a saúde humana. A visão que apresentam do problema da saúde dos trabalhadores rurais é calcada em metodologia qualitativa baseada em copiosos dados

construídos com o auxílio de métodos quantitativos absorvidos na formação acadêmica em Economia. A abordagem interdisciplinar, cara aos autores, fica demonstrada nesse texto.

O reconhecimento da capacidade interpretativa de Jean Hébette e de seus parceiros vem acompanhado do registro dos que lhes citam, destacando o rigor do método que empregam. O texto *Colonização Espontânea, Política Agrária e Grupos Sociais*, em coautoria com Rosa Acevedo, divulgado no V Encontro Nacional de Economia, no Rio de Janeiro, em 1977, repercute na literatura nacional e internacional, sendo citado por Denis Mahar e Otávio Ianni em obras de circulação ampla⁵, antes mesmo de ser publicado pelo Ipea/Inpes, em 1979. Ianni destaca, em nota de rodapé, a substancial justificativa:

As pesquisas de campo sobre tensões agrárias na Amazônia não têm sido numerosas. Mas as poucas existentes oferecem evidências inequívocas sobre fatos de capital importância, como: êxodo da população agrícola de primeira geração provocado por práticas de latifundiários; falsificação de títulos; violação do dispositivo da Constituição sobre licença do Senado para possuir mais de 3.000 hectares; expulsão de moradores; fraudes em projetos de incentivos fiscais, etc., etc. A pesquisa de Jean Hébette e Rosa Acevedo Marin, ambos do NAEA, é extremamente informativa sobre esse e outros detalhes. Ela se desenvolveu durante ano e meio no campo, cobrindo 52⁶ municípios na área da rodovia Belém-Brasília, incluindo os da Zona Bragantina no Pará (Colonização espontânea, política agrária e grupos sociais, NAEA, Univ. Fed. Pará, 1977, informe intermediário de pesquisa). (IANNI, 1979, p. 96).

A prática de campo desenvolvida ao longo da vida profissional é um dos principais balizamentos de legitimação dos conhecimentos resultantes de suas pesquisas. O movimento concreto-abstrato-concreto que vai ser base de suas construções teóricas se associa a categorias marxistas presentes no texto, solidamente construído com a descrição de atores e o confronto de classes sociais distintas. Faz parte do rigor de seu método de observação a permanência prolongada no campo, a amplitude da pesquisa, conforme destaca Ianni na citação acima. Alia-se a esses elementos da prática investigativa a revisão de literatura científica sempre farta e atualizada dos trabalhos publicados por Hébette.

⁵ Ver IANNI, O. *Ditadura e Agricultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979. p. 88-89 e 96.

⁶ Os autores referem 25 municípios trabalhados em Saúde e Colonização (1976) e 53 municípios, no texto *Colonização Espontânea, Política Agrária e Grupos Sociais*, de 1977.

O envolvimento de estudantes nas pesquisas proporciona o aprendizado aos que com ele participam de suas atividades cotidianas e amplia sua capacidade de captação da realidade. Por isso, o conjunto da obra desse mestre não se esgota em si mesmo. Irradia-se na de seus discípulos, orientados nos afazeres de trabalhos de conclusão de curso, dissertações de mestrado, teses de doutorado, relatórios de pesquisa, consultorias, artigos, ensaios, resenhas e toda a natureza de produção intelectual materializada em escritos e falas. Agradecimentos registrados em trabalhos engrossam a demonstração do reconhecimento que se prolonga no vasto círculo de amizades que viceja em torno do pesquisador.

A ocupação das terras amazônicas na borda das estradas, capitaneada pelos órgãos federais, deu o tom do controle dos governos militares sobre o que chamavam “a maior reforma agrária do mundo”. A Belém-Brasília e Ariquemes, em Rondônia, são os cenários privilegiados desse período da produção acadêmica de Jean Hébette. A descrição das condições em que esse processo acontecia, desde os aspectos ligados à saúde até os arranjos econômicos e políticos, aparecem com detalhe nessa literatura, denunciando quem se favorecia da nova lógica de ocupação e dos procedimentos oficiais. Constitui-se em uma produção sistemática do cotidiano desse processo, o que se valoriza pela força do texto elaborado no tempo em que novas atividades se instalam, deslocando ou transformando as anteriores. É como se eles vissem e descrevessem o processo de dentro, estando nele, interagindo com os atores sociais, convivendo com as vítimas e os agressores. Essa convivência não significa passividade diante das constatações. Testemunha de seu compromisso e responsabilidade como pesquisador é o texto do depoimento feito e publicado na Comissão Parlamentar de Inquérito da Amazônia, publicado no Diário do Congresso Nacional, em 1980. A pesquisa, nesse caso, leva a um posicionamento ativo e de uma outra natureza de militância política calcada na ciência.

A apresentação cronológica dos títulos dos trabalhos apresentados é um retrato das demandas que se colocavam para o professor Hébette, os seus pares e colaboradores na trajetória de reflexão sobre o mundo amazônico em transformação. Assumindo a direção de Setor de Pesquisa do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, da Universidade Federal do Pará, cabe-lhe liderar e oferecer instrumentos de análise para os temas tratados pelo conjunto de pesquisadores. Embora fazendo parte de uma reflexão que ele anima, uma

das características dessa nova fase é a autoria, como coordenador ou autor individual, da maioria dos trabalhos entre 1983 e 1989. Os temas Ciência e Tecnologia arrebata as atenções que se manifestam em quatro títulos produzidos entre 1983 e 1984 e se espraia, a partir de então, como conteúdo do debate que prossegue. Muda o cenário e *locus* das pesquisas, que passam a ser centradas no Pará, particularmente no sudeste do estado. No momento anterior à instalação dos Grandes Projetos, se insere a reflexão sobre Ciência e Tecnologia. Os grandes projetos de produção de energia e complexo siderúrgico se apresentam sob a égide do progresso calcado na transformação da natureza pelo uso de conhecimentos produzidos sistematicamente, tanto para grandes quanto para pequenos empreendimentos. A ameaça ao projeto de consolidação do campesinato emergente e a resistência por eles organizada contra a nova lógica que se implanta se incorporam ao conteúdo das análises feitas pelo professor Hébette e os seus pares. Urge desvendar as estratégias, as ciladas do capital e questionar o papel da ciência e dos cientistas na construção de uma sociedade democrática e sustentável. Nesse momento, as categorias sociais são trabalhadas de forma distinta, demonstrando-se o impacto e a resistência de índios e posseiros aos novos mecanismos de apropriação da natureza pelo capital industrial. A tecnologia é analisada nesse contexto como uma forma que se ajusta, ou que pode se ajustar, às categorias sociais e seus recursos (capital ou trabalho).

A reflexão não é o único exercício possível nesse processo de análise das transformações no cenário estudado. O cientista é também ator, e o produto de seus conhecimentos se converte em propostas concretas de intervenção ou de exercício para orientar as políticas públicas. Verificam-se uma construção e uma prática do que Giddens chama dupla hermenêutica (GIDDENS, 1987)⁷. A elaboração teórica e escrita de Hébette influencia e é influenciada pelos seus interlocutores. Em *Diálogo, Parceria ou Aliança*⁸, esses conceitos recebem tratamento para que se compreenda a relação em construção entre pesquisadores liderados pelo sociólogo e sindicalistas camponeses presentes na

⁷ GIDDENS, A. *La constitution de la société*: elements de la théorie de la structuration. Paris: PUF, 1987. p. 43.

⁸ HÉBETTE, J. A relação pesquisadores-agricultores: diálogo, parceria, aliança? Uma análise estrutural. *Agricultura Familiar Pesquisa Formação e Desenvolvimento*, Belém, v. 1, n. 1, p. 39-57, 1996.

Transamazônica, entre Marabá e Rurópolis. O CAT é o principal produto acabado e representativo dessa época de reflexão e práxis de uma resistência organizada aos grandes projetos em implantação na região. Inicialmente pensado como centro de tratamento das questões agrárias, absorve o conteúdo ambiental que se incorpora como elemento fundamental do discurso tecnológico em todas as áreas, a produção agrícola incluída. Concebido como um programa de integração entre pesquisadores e sindicalistas camponeses, investe nessa relação com a perspectiva de dar consistência teórica e metodológica a mecanismos de desenvolvimento sustentável em que a agricultura camponesa esteja contemplada. Operacionaliza-se o Programa CAT, de um lado, pela Fundação Agrária do Tocantins Araguaia (Fata), materializada em um Centro de Convivência construído em sítio de 80 ha, em pleno km 8 da Transamazônica, no sentido Marabá-Itupiranga. Por outro lado, os pesquisadores se organizam em um Laboratório Socioagronômico do Tocantins (Lasat), na perspectiva de apreender as lógicas de funcionamento do pequeno estabelecimento camponês, em processo de pesquisa-ação, formando estudantes de Agronomia ou especializando jovens agrônomos recém-graduados para uma compreensão e intervenção técnica ajustada à lógica desse segmento. A universidade começa a se moldar para atender ao paradigma da sustentabilidade da agricultura familiar. Um complexo arquitetônico de salas para pesquisadores, auditório, garagem, refeitório e dormitórios apoia as atividades administrativas e vivenciais entre as categorias de pesquisador e camponês. Área para experimentação de plantios e criações, reserva de mata secundária remanescente, córrego e lago complementam os recursos naturais do sítio limitado nas extremidades pela rodovia Transamazônica e pelo Rio Itacaiúnas. O pesquisador reflete, discute, negocia, elabora o programa, capta recursos, implanta e lidera o que se torna uma experiência rica em acertos e desvios, todos objetos de estudo e textos de muitos intelectuais preocupados com a questão do campo amazônico. Esse exercício agrega estudantes de diversas áreas (arquitetura, contabilidade, ciências sociais e humanas, educação) com predominância dos agrônomos.

Reflete-se na produção acadêmica hebettiana, entre 1983 e 1992, uma série de propostas e desafios que se impõem como demanda social para a pesquisa. *Ciência, tecnologia, resistência, pequena produção, sindicalismo, grandes projetos, meio ambiente, movimentos sociais* são categorias recorrentes nos trabalhos escritos. De fato, a maior expressão do movimento camponês é analisada na tentativa de se afirmar, frente aos representantes de outras

categorias, como portadores de uma cidadania não reconhecida. Literatura produzida sobre o assunto e experiência vivida em Marabá inspiram outras iniciativas de natureza idêntica. Em Altamira, o Programa Agroecológico da Transamazônica (Laet) associa pesquisadores e lideranças do movimento social, exercitando o modelo de prática de pesquisa-ação iniciado em Marabá.

O período que sucede 1992 e avança para a atualidade se impregna, de maneira mais cristalina, da questão ambiental, que vai se entrelaçar com as análises das propostas de desenvolvimento sustentável no âmbito da economia camponesa no Estado do Pará. Os assentamentos de trabalhadores rurais e os movimentos sociais voltam a se incorporar nos seus títulos e novas parcerias acadêmicas se delineiam com a produção de trabalhos desenvolvidos com Edma Moreira.

Relatórios de pesquisa publicados (10) e não publicados (5) dão uma ideia do volume das atividades intelectuais e administrativas enfrentadas pelo biografado no período analisado (1974-2000) e dos temas por ele trabalhados, todos articulados à preocupação com o estabelecimento do campesinato na Amazônia, dentro de parâmetros da sustentabilidade econômica, social e ambiental.

Que elementos de distinção poderiam ser estabelecidos na obra desse pesquisador em relação a de outros intelectuais que produziram reflexões sobre o processo de ocupação da Amazônia? O primeiro é o de que seu trabalho intelectual está vinculado a uma práxis que estrutura os produtos de sua reflexão, dando resultados concretos, como foi o Setor de Pesquisa do Naea no período em que foi seu coordenador, o CAT, o Laboratório Agroecológico da Transamazônica, e em consequência o Centro de Ciências Agrárias da UFPA, os cursos de especialização em Agricultura Familiar e Sociologia Rural, todas atividades que se constituíram a partir das primeiras reflexões realizadas desde 1985 e seus posteriores desdobramentos. Essa reflexão se produz na universidade, articulada com os segmentos camponeses interessados na construção de um projeto de desenvolvimento alternativo ao do modelo até então desenvolvido. Para isso, o movimento sindical camponês é fonte de inspiração e interlocutor em permanente interação, em que pese toda a dificuldade de construção de uma aliança, parceria ou diálogo exercitado entre pesquisador e camponês. A ciência praticada por Hébette é consciente dos seus limites e bloqueios e a crítica que faz de si mesmo permite a linguagem fluente, criativa,

articulada, sugerindo, pela fluência, o tom de ensaio ou crônica. A imprecisão é eliminada quando se vai para a base de suas construções. São meses, anos, décadas de observação sistemática e crítica, no tecer e aprimorar o método de apreensão e de exposição em revisões que se fazem quantas vezes forem necessárias, para que sejam o mais cristalinas possível.

A preocupação com a precisão conceitual é outra marca de suas abordagens. Comentários sobre o objeto de pesquisa são introduzidos com problematizações que se reportam aos cuidados quanto ao uso preciso dos termos, separando a linguagem do senso comum da leitura qualificada que propõe. A ruptura epistemológica é anunciada desde as primeiras linhas e vai se consolidando ao longo das exposições.

O conceito de classes é presente desde as primeiras abordagens, assim como os de fronteira e camponês, definindo que o ator social preferencial de seus trabalhos está circunscrito a um espaço determinado por um contexto (o da fronteira na Amazônia) e uma posição social que implica confrontos com outras categorias.

A região aparece como um espaço-sujeito que se manifesta construindo-se (inventando-se) para dentro e para fora. Para dentro, por um discurso identitário, em busca de elementos de coesão social. Para fora, por uma insubordinação e crítica ao modelo de desenvolvimento excludente implantado e aos outros modelos gestados sem uma participação efetiva dos atores regionais.

Os textos oferecem uma descrição densa e detalhada das categorias sociais presentes, das localidades e das relações que vão se construindo entre população e meio ambiente. Têm a força da descrição feita simultaneamente à constituição daquela realidade dinâmica. Esse estilo e coerência vão ser guardados em toda a obra, definindo-se como texto sociológico, demarcado historicamente sem que sejam viciados e repetitivos. Eles se atualizam na medida em que avançam no tempo e por isso permanecem com uma fidelidade analítica primorosa. Uma das dificuldades da análise crítica da obra de Jean Hébert é que a frequente volta aos textos, feitas por ele mesmo, implicou (implica ainda) em alterações por acréscimo de informações ou aprimoramento expositivo, de forma que os mesmos títulos apresentados em lugares diferentes não significavam necessariamente os mesmos textos. O artesanato da construção de seus textos é uma lavra

de todos os dias, como a do lavrador que faz capinas das ervas para favorecer a cultura principal, com isso permitindo uma produção de qualidade exemplar. Esse vigor laboral lhe torna um dos mais produtivos intelectuais da Amazônia e lhe garante uma titulação legitimada pelo volume e qualidade das contribuições teóricas apresentadas. Nesse sentido, ele está no campo científico como um possessor que ali estabeleceu moradia e que tornou a área produtiva com o seu trabalho e os do que pode considerar sua família. Merece, com propriedade, o título de notório saber e possessor da ciência.

Os temas abordados são temas essenciais à reflexão do que fazer desse imenso território e contingente humano presente na Amazônia. Influenciam uma significativa quantidade de pesquisadores, jovens ou experientes, no sentido de que avancem e mobilizem seus esforços na produção de conhecimentos sobre a dinâmica da fronteira. Ou seja, Jean Hébette, sempre atento às transformações ocorrentes nesse espaço temático e territorial, inspira novas e ousadas abordagens, mobilizando e formando novos parceiros. Reconhecida a força de sua autoria, pelos textos assinados individualmente ou com os diversos parceiros que acumulou durante sua trajetória, ela se dá em interação intensa com o dinâmico mundo das ciências. Além da densidade sociológica de seus textos, há uma densidade societal, de sociabilidade e de socialização no processo de produção acadêmico-científica.

A personalidade, autonomia e originalidade dos textos sobre o processo de ocupação recente da Amazônia fazem de Jean Hébette uma referência obrigatória, principalmente quando trata da presença dos camponeses, sua história e suas perspectivas.

A dispersão dos veículos de publicação que favoreceram o seu reconhecimento como intelectual nos meios acadêmicos tornou-se um problema na recuperação do conjunto do seu pensamento para as novas gerações. A reunião e a edição da produção desse homem que dedicou a melhor parte de sua vida aos camponeses brasileiros são responsabilidades dos que puderam acompanhar sua trajetória e usufruir de sua convivência como intelectual e homem de ação. Encurtar-se-ão muitos caminhos na conversa que puder ser continuada com Jean Hébette por meio dos seus escritos. Quem duvidar que experimente!

HÉBETTE, Jean. **Cruzando a fronteira**: 30 anos de estudo do campesinato na Amazônia. Belém: EDUFPA, 2004. 4 v.